

Jorge Fazenda Lourenço

*A Poesia
de Jorge de Sena
Testemunho, Metamorfose,
Peregrinação*

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Títulos publicados:

Uma Aproximação à Estranheza
Frederico Pedreira

Alexandria
Jorge Barreto Xavier

Debaixo da Nossa Pele — Uma Viagem
Joaquim Arena

Istmos — Do Terror, do Amor e Algo Mais
Adalberto Alves

Poesia e Artes Visuais — Confessionalismo e Êcfrase /
Mário Avelar

*A Diáspora em Língua Portuguesa — Sete Séculos
de Literatura e Arte* /
Darlene J. Sadlier

Ficções da Memória
Alberto da Costa e Silva

O Outro Lado do Desenho
Alberto da Costa e Silva

*O Poeta na Cidade — A Literatura Portuguesa
na História*
Helena Carvalhão Buescu

Uma Conversa Silenciosa
Eugénio Lisboa

Série «A Viagem»:

*A Viagem de Fernão de Magalhães — A Relação
de Antonio Pigafetta (1519-1522)*
Antonio Pigafetta, Michel Chandeigne

Jorge Fazenda Lourenço

*A Poesia
de Jorge de Sena
Testemunho, Metamorfose,
Peregrinação*

(Edição revista e atualizada)

Olhares

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.

Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa
www.incm.pt
www.impresanacional.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Jorge Fazenda Lourenço
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda
1.ª edição: 1998, Paris, Centre Culturel Calouste Gulbenkian;
2.ª edição: Lisboa, Guerra & Paz

TÍTULO

A Poesia de Jorge de Sena. Testemunho, Metamorfose, Peregrinação

AUTOR

Jorge Fazenda Lourenço

EDIÇÃO

Paula Mendes (INCM)

REVISÃO

Diogo Silva

DESIGN

www.whitestudio.pt

PAGINAÇÃO

Ana Seromenho

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Composto em Jannon 10 Pro
Impresso em Ensocoat 1 face 275 g (capa)
e Coral Book Ivory 90 g (miolo)

Março de 2021

ISBN 978-972-27-2798-3

DEPÓSITO LEGAL N.º 479 896/21

EDIÇÃO N.º 1023430

ÍNDICE GERAL

PÁG. 9

Dedicatória

PÁG. 11

Nota prévia à presente edição

PÁG. 17

Introdução

PÁG. 33

1. O poeta, o mundo, a linguagem

PÁG. 125

2. Nem confissão, nem fingimento

PÁG. 197

3. Refletida espontaneidade
e educação poética

PÁG. 275

4. Testemunho, vidência, metamorfose

PÁG. 387

5. Meditação poética e narratividade

PÁG. 457

6. Da poesia como um palimpsesto
e o convívio das testemunhas

PÁG. 519

7. Diário poético, séries, ciclos, sequências.
Poesia aplicada e poesia de circunstância

PÁG. 641

8. Da poesia como peregrinação de mundo,
ou do exílio como epílogo

PÁG. 673

Conclusão (em resumo)

PÁG. 683

Apêndice 1.

Roteiros de viagem de Jorge de Sena:
Europa e África, 1968-1974

PÁG. 689

Apêndice 2.

Série de poemas de viagem (seleção)

PÁG. 695

Apêndice 3.

Trinta e sete anos de Jorge de Sena
(1982-2019)

PÁG. 709

Referências

PÁG. 741

Índice da obra de Jorge de Sena

PÁG. 753

Índice de nomes

INTRODUÇÃO

En amour, comme en littérature, les sympathies sont involontaires; néanmoins elles ont besoin d'être vérifiées et la raison y a sa part ultérieure.

Charles Baudelaire (1976: 2, 15)

[...] a major poet is one the whole of whose work we ought to read, in order fully to appreciate any part of it [...].

T. S. Eliot (1986: 47)

Mas, sobretudo, não se discuta nunca se a poesia deve ser isto ou aquilo. Não chegamos a dois mil anos de entendimento crítico do que a poesia seja, para continuarmos ainda a discutir o que ela deva ser.

Jorge de Sena (2005a: 99)

Este trabalho podia ser definido, muito simplesmente, como uma tentativa de um longo e circunstanciado comentário ao Prefácio da 1.^a edição de *Poesia — I* (1961), datado de Assis, São Paulo, Brasil, 27 de março de 1960, em que Jorge de Sena

expõe, pela primeira (e única) vez, a sua concepção da poesia como um testemunho de linguagem. Uma poesia que vive, como procurarei evidenciar, de um sistema de relações, cujos vetores se designam, aqui, por testemunho, metamorfose e peregrinação, uma vez que o testemunho seniano não possui apenas uma componente documental, biográfica. Mas, na verdade, esse prefácio de 1960 constitui apenas o núcleo dinamizador de uma inquirição cujos domínios abarcam toda a poesia e, no limite, a obra inteira de Jorge de Sena, na diversidade de géneros que praticou.

Como contribuição para o estudo da poesia e da poética de Jorge de Sena, esta dissertação vem na sequência de outros trabalhos meus, anteriores ou posteriores a *O Essencial sobre Jorge de Sena*, de 1987, o primeiro ensaio de uma visão de conjunto da sua obra. Mas a tarefa aqui empreendida, em tão curto espaço de tempo, tornou-se também possível graças ao desenvolvimento dos estudos senianos, quer em Portugal, quer no estrangeiro, que elevaram o nível de uma bibliografia passiva que, se conta com algumas centenas de títulos, só a partir da morte do poeta, em 1978, tem vindo a ultrapassar o registo impressionista ou a crítica jornalística, pese embora uma mão-cheia de exceções (v. Lourenço, 1991, 1998a, 1998b, e Lourenço e Williams, 1994, trabalhos de investigação complementares desta dissertação de doutoramento).

Os fundamentos da poética seniana do testemunho precisam de ser entendidos no contexto de um complexo de teorias e práticas verbais que Jorge de Sena encontra, em 1936, ao começar a escrever, como dados de uma tradição poética, que aceita, ou não, como herança. E as modulações dessa concepção da poesia devem ser lidas como um processo

que não é unidirecional, da teoria para/sobre a prática, e sim um aferir constante de uma *praxis* poética, em que o que se racionaliza, a nível teórico, é fruto de um trabalho verbal, que, por sua vez, obriga a uma adequação ou ajustamento progressivo das proposições teóricas.

É justamente essa dialética entre a prática da poesia e a sua teorização que fundamenta uma poética do testemunho como metamorfose e peregrinação de linguagem, no sentido em que cada um dos elementos desta relação representa um necessário desenvolvimento do primeiro. Entender a poesia de Jorge de Sena como testemunho, metamorfose e peregrinação, significará, então, que esses três aspetos não são isoláveis, e sim consubstanciais a uma *praxis* altamente consciente das próprias contradições da poesia como objeto de linguagem. Quer dizer, e de um modo talvez demasiado sintético, a poesia, para Jorge de Sena, é e não é documento (biográfico, social, cultural, literário), na medida em que o que com a poesia se documenta é, na sua temporalidade e historicidade de linguagem, uma transfiguração e um devir.

A

Poeta da poesia, Jorge de Sena refletiu sempre, de um modo concentrado ou disperso, em poemas, prefácios ou posfácios, ensaios e cartas, ora a propósito da sua obra, ora a propósito de obra alheia, sobre poéticas, e a sua em particular, mesmo se ao falar «de poesia e de poetas nela»

não tenha dado «corpo autónomo à ideia de uma *poética*» (E. Lourenço, 1985: 24).

Não parece haver, com efeito, em Jorge de Sena, uma poética, naquele entendimento normativo e preceptista do termo, de um conjunto estrito de regras e de princípios a que se deve submeter a poesia, própria ou alheia, nem, tão-pouco, uma «teoria» dela, no sentido abstrato e resvaladiço de uma metafísica da poesia. Quase arriscaria dizer que, para Jorge de Sena, não há propriamente uma «essência» da poesia, já que esta, no seu a-fazer-se, apenas tem existência(s). Ou como o poeta refere, referindo-se embora à ética, mas aplicável à (sua) poesia, esta deve ser vista como «uma recriação constante de um essencial que, como entidade abstrata, não existe, e a proposição concomitante do que, como realidade concreta, é uma essência sempre transformada» (Sena, 1984 [1961]: 12).

Como se tentará mostrar ao longo destas páginas, a poesia, para Jorge de Sena, é um fazer que se faz, fazendo: de encontro ou contra as ideias de poesia estabelecidas, pois a sua é uma poética de trans-fusões, onde o devir da poesia é a sua única «essência». Neste aspeto, foi o poeta extremamente fiel ao pensamento do seu admirado Heraclito, mas também àquela pulsão antiliterária, ou antiliterata, de algum vanguardismo.¹ Ou talvez tivesse presente as sábias palavras de Juan de Mairena, o professor apócrifo: «No hay mejor

¹ «Dada a essayé non pas autant de détruire l'art et la littérature, que l'idée qu'on s'en était faite. [...] L'art, avec un A majuscule, n'inclinait-il pas à prendre sur l'échelle des valeurs une position privilégiée ou tyrannique qui l'amenait à rompre tous liens avec les contingences humaines? C'est en cela que Dada se proclamait anti-artistique, anti-littéraire et anti-poétique. Sa volonté de destruction était bien plus une aspiration

definición de la poesía que ésta: “poesía es algo de lo que hacen los poetas”» (Machado, 1988: 1939).

Estas considerações não significam, contudo, que não exista na obra de Jorge de Sena um largo *corpus* relativo à exposição e meditação da sua prática poética, absolutamente incontornável, constituído por dez prefácios ou posfácios a coletâneas de poesia, muitas delas com notas finais aos poemas, por mais de meia centena de poemas (uns mais visivelmente implicados que outros no que seja a definição de uma poética), por um número elevado de referências dispersas em ensaios, artigos, verbetes e cartas, para além de depoimentos e respostas a inquéritos, sem ignorar os prefácios e notas às suas obras de ficção, ou os seus estudos sobre outros poetas, e em especial sobre Luís de Camões.

A atenção aqui prestada aos paratextos autorais, cuja função metatextual, de comentário da obra, de esclarecimento sobre a sua génese e desenvolvimento, e de autoesclarecimento crítico, é de primeira importância para a tentativa de compreensão do que seja uma poética seniana, sofre a objeção, hoje vulgar, de nem sempre ser o poeta o crítico mais capaz da sua obra, sucedendo com frequência que as suas ideias estéticas divirjam dramaticamente ou entrem em franca colisão com a sua prática poética. Mas, independentemente de ser esse ou não o caso de Jorge de Sena, também nesse confronto o estudo da poética de um autor se torna produtivo,

vers la pureté et la sincérité que la tendance vers une sorte d'*inanité sonore* ou plastique se contentant de l'immobilité et de l'absence. La présence de Dada dans l'actualité la plus immédiate, la plus précaire et provisoire, était sa riposte à ces recherches de l'éternelle beauté qui, situées hors du temps, prétendaient atteindre à la perfection» (Tzara, 1982: 5, 353).

até porque nenhum poeta está isento das contradições do seu tempo, e, necessariamente, do seu tempo de poesia.

É isto mesmo o que parece querer dizer o seguinte passo de Jorge de Sena, bem menos «polémico» do que parece à primeira vista: «Só os poetas têm o direito de dizer asneiras sobre poesia, mais ninguém. Quando as dizem, sempre são asneiras acerca do que conhecem por experiência própria; e uma asneira dessas sempre terá, *fenomenologicamente* e só fenomenologicamente, mais interesse que um fulgurante acerto de qualquer crítico» (1984 [1961]: 111). Mas a legitimidade da atenção aos escritos de um poeta sobre a sua própria poesia repousa também, e já que mais não seja, na simples consideração de que, ao assumir a função de leitor-crítico de si-mesmo, ele oferece da sua obra uma base de leitura e um horizonte de receção tão legítimos como os de qualquer outro crítico ou leitor.

Por todas estas razões, creio indispensável ter em devida apreciação os paratextos senianos, para proceder ao seu confronto com as realizações verbais, que os poemas são, convergente ou divergentemente, das linhas de orientação neles traçadas. E se se lembrar que a «produção» poética de Jorge de Sena ascende a mais de mil e quatrocentos poemas, ter-se-á uma rápida ideia da tremenda tarefa que tal «acareação» implica.

Os textos de Jorge de Sena sobre outros poetas merecem também aqui a melhor atenção. É que, mesmo quando parece, ao falar dos outros e das suas obras, que deixa em suspenso a sua poesia e o poeta que foi (está sendo) nela, é, precisamente, para nesse alheamento se revelar melhor. «The poet critic is criticizing poetry in order to create poetry» (Eliot, 1975: 58). Trata-se, aliás, em Jorge de Sena, de um

processo consciente, como o revela a seguinte passagem de uma carta (inédita) de 16 de julho de 1955, dirigida (mas não enviada) a João José Cochofel, a propósito de uma crítica deste a *As Evidências*:²

Só hoje me é possível escrever-lhe para agradecer o seu artigo [...] Creia que é sinceramente que lhe agradeço, pela franqueza que usa, pela compreensão que demonstra. Se alguns reparos esse artigo me sugere, é por essas mesmas franqueza e compreensão que lhos comunico, numa carta que desejaria eu que fosse como uma «carta aberta» [...] Daria assim, em «carta aberta», público testemunho da importância que atribuo ao diálogo que você encetou; e aproveitaria uma excelente oportunidade, que você me deu, para elucidar determinadas posições minhas, pessoalmente, e não nas entrelinhas das linhas dedicadas à crítica de outros, como tenho passado a vida a fazer.

Em suma, creio que se poderá desenhar uma poética seniana, a partir da sua poesia e, no limite, de cada um dos seus poemas, na medida em que cada um deles é a realização de uma *praxis* verbal (se é que todo o poema não é um exercício metapoético), bem como a partir daqueles textos, acima referidos, em que Jorge de Sena dirige a sua atenção para a sua prática poética, ou dela fala, por contraponto, ao falar da poesia de outros.

Tentar apreender o que se denomina por «poética seniana» implica, portanto, atentar num duplo processo: o de constante

² V. João José Cochofel, «Poesia e intenções», *Vértice*, Coimbra, n.º 140, 1955, pp. 279-283.

aferição entre o desregramento que cada poema propõe, na sua especificidade de objeto singular, e a «teorização» com que os paratextos autorais procuram regularizar o curso dessa prática poética, atribuindo-lhe uma significação e uma intencionalidade orientadora de futuros desenvolvimentos; e o de confronto entre essa *praxis*, ou dialética entre prática e teoria, e as concepções vigentes e codificadas no tempo de poesia em que lhe foi dado escrever, ou que lhe surgem de épocas anteriores, ou seja, que o poeta recebeu como herança literária e cultural, e de que se faz (mais ou menos) consciente, tendo ainda em conta como tal processo de conscientização tem uma dimensão experimental.

É que a poesia não é propriamente uma (idealizada) «liberdade livre», e sim uma liberdade condicional, e condicionada, que livremente se aceita, sabendo-se perseguição de um destino, sempre adiado, de liberdade. O que significa que todo o poema é a atualização de um poema anterior, com os seus códigos, literários e sociais, mais ou menos ancestrais, que impõem as suas condições à transformação ou renovação a que o novo poema se pretende. Porque, afinal, o que no poema se liberta começa sempre por ser a consciência dos limites, como, julgo, a poesia de Jorge de Sena não cessa de dizer.

Neste sentido, procurar-se-á, ao longo deste trabalho, confrontar a teoria e a prática poética seniana com os dois principais movimentos literários seus contemporâneos, e com os quais mantém relações tanto de afinidade quanto de afastamento ou oposição: o neorrealismo e o surrealismo. E, evidentemente, com o modernismo, em especial com a teoria do fingimento poético pessoano, uma vez que o modernismo

é, para Jorge de Sena, e, em geral, para o poetas que fizeram os *Cadernos de Poesia*, uma referência de partida.

As relações de Jorge de Sena com as poéticas neorrealista e surrealista, sobretudo com a primeira, estão longe de ser estudadas, ao nível das práticas verbais, e não apenas ao nível das intenções programáticas, níveis estes, no que toca ao neorrealismo, bem pouco coincidentes, o que torna a questão ainda mais complexa. Mas não podendo usufruir da (des)vantagem de estudos prévios, esse confronto terá aqui um carácter mais exploratório que sistemático, sem outra pretensão que a de contribuir, de um modo parcelar e fragmentário, para um futuro estudo concentrado de tais relações. A questão não poderia, no entanto, ser ignorada, devido, por um lado, a pontos de partida ideológicos aparentemente comuns, e, por outro, à manifesta consciência, por parte de Jorge de Sena, de algumas afinidades divergentes, quer em relação ao neorrealismo, quer em relação ao surrealismo, dois movimentos que parecem excluir-se mutuamente, mas que o poeta irá submeter a uma «transmutação dialética dos contrários» (Sena, 1977a: 216).

Porém, o objetivo aqui perseguido é, em grande medida, o de retirar a poesia de Jorge de Sena às querelas do provincialismo português, que é o provincialismo de qualquer literatura nacional, procurando pô-la em contacto, como ela exige e merece, com as principais correntes da poesia ou as práticas verbais de outros poetas, independentemente de línguas e pátrias. Procura que, na verdade, não precisa de ser senão mostrada, na medida em que a obra de Jorge de Sena evidencia já um notável envolvimento com a chamada «tradição poética ocidental», num diálogo permanente com outros

poetas, e das mais diversas latitudes, geográficas e estéticas. Aliás, Jorge de Sena sabe de poetas, como Constantino Cavafy, e de práticas verbais, como o surrealismo, muito antes de aqueles serem conhecidos e de estas se afirmarem entre nós. Daí que o confronto com a tradição portuguesa, e nomeadamente com a questão do fingimento poético pessoano, deva ser visto num contexto mais alargado, internacional.

B

Situando-se no centro das contradições poéticas do seu tempo, a sageza de Jorge de Sena consistiu, a meu ver, não em eliminar ou «desconhecer» essas contradições, e sim em integrá-las dialeticamente, criando uma poesia extremamente rica de modulações, em que o soneto coexiste com o mais radical experimentalismo, ou em que os esquemas narrativos servem de suporte à meditação poética, libertando a poesia da normatividade, e normalidade, dos cânones literários, que assim nos obriga a constantemente repensar, num permanente desafio às expectativas de leitura.

É, aliás, propósito deste trabalho que a teoria não apareça como um modelo abstrato imposto à compreensão dos versos senianos, procurando-se antes, e sempre que possível, que sejam os poemas a levantar as questões com que a própria teoria do testemunho é chamada a defrontar-se, de tal modo que, por sucessivos alargamentos, a poesia como

testemunho, metamorfose e peregrinação surja do confronto com a prática poética de Jorge de Sena, ou, de outro modo, tomando esta como geradora de uma teorização que a tem por objeto específico (tomando os poemas como reflexão, no duplo sentido da palavra, sobre e da poesia). Contudo, não sendo de ignorar a vasta produção crítica de Jorge de Sena, e, nomeadamente, as suas páginas de autointerpretação, este trabalho adquire, muitas vezes, uma necessária feição expositiva do pensamento do poeta, a qual, não tendo outro mérito, mostrará, pelo menos, como, em muitíssimos casos, a exegese da sua obra tem tomado como descobertas o que o autor já oferecera há muito.

A poética de que aqui se fala deverá, pois, ser entendida, no limite, como o estudo da totalidade da obra de Jorge de Sena, embora tenha como objeto principal o estudo da poesia, com uma ou outra observação, a título complementar, sobre textos de ficção, e menos ainda, de teatro. Mas como o confronto entre os textos e paratextos do domínio da ficção e os textos e paratextos do domínio da poesia hão de revelar, verificam-se coincidências, sobreposições e paralelismos, que apontam para uma poética unitária, apesar das características particulares a cada um desses domínios de expressão. Aliás, é o próprio Jorge de Sena quem o dá a perceber, numa carta a Vergílio Ferreira: «No que me diz respeito, eu acho [...] que há até uma excessiva unidade estilística entre os meus contos, os meus poemas e os meus ensaios. Precisamente por serem estruturados numa lógica poética é que os meus ensaios são por vezes difíceis para quem espera o didatismo das ficções dedutivas. E veja V. — o que eu penso que cultivo é o ensaio-emoção-da-inteligência» (1987b: 49; carta de 1961).

JORGE FAZENDA LOURENÇO (Covilhã, 1955) é poeta e professor de literatura. *Pedra de Afiar* (1983) foi o seu primeiro livro de poesia, seguido de *Uma Surda Cegueira* (1990), *Derivas* (2002) e *Cutucando a Musa com Verso Longo e Curto e Outras Coisas Leves e Pesadas* (2009). Traduziu E. E. Cummings: *xix poemas* (1991; 2.^a ed., 1998), *Harmónio*, de Wallace Stevens (2006) e *O Spleen de Paris*, de Charles Baudelaire (2007), de quem editara, no ano anterior, *A Invenção da Modernidade (Sobre Arte, Literatura e Música)*. Entre 1988 e 1993, estudou e lecionou na Universidade da Califórnia, em Santa Barbara, doutorando-se com este trabalho agora reeditado e passando a colaborar com Mécia de Sena na publicação de Jorge de Sena, de que foi coordenador-editor das suas Obras Completas na Guimarães Editores. Outras obras: *Poemas Escolhidos*, de Fernando Pessoa (1985; 2.^a ed., 1988), *O Essencial sobre Jorge de Sena* (1987; 2.^a ed. revista e aumentada, 2019), *O Brilho dos Sinais. Estudos sobre Jorge de Sena* (2002), *Matéria Cúmplice. Para Jorge de Sena* (2012) e *Azares da Poesia* (2018).

Este trabalho foi pensado como uma contribuição para o estudo da poesia e da poética de Jorge de Sena e constitui uma primeira tentativa de visão integrada da sua obra de poeta, ficcionista e crítico. Partindo de um largo comentário ao prefácio da primeira edição de *Poesia — I* (1961), este estudo faz um enquadramento da totalidade da sua obra a partir dos três vetores que dinamizam a sua poética: testemunho, metamorfose e peregrinação. Uma poética da temporalidade, do dever e da errância que tem por base o tenso sistema de relações que se estabelece entre o poeta, o mundo e a linguagem. Sem esquecer que a poesia de Jorge de Sena tem no erotismo o seu princípio criativo e no exílio a sua máxima circunstância. (JFL)

ISBN 978-972-27-2798-3



9 789722 727983